

## A INTERFERÊNCIA DO SEXISMO ENCONTRADO EM *HUNGER GAMES* (JOGOS VORAZES) NA TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS

JULIANA BARBOSA VELLARDI<sup>1</sup>; RODRIGO BILHALVA MONCKS<sup>2</sup>; BEATRIZ VIÉGAS-FARIA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [julianavellardi@gmail.com](mailto:julianavellardi@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rodrigo@moncks.com](mailto:rodrigo@moncks.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [beatrizv@terra.com.br](mailto:beatrizv@terra.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O livro escolhido para esta pesquisa, “Jogos Vorazes” de Suzanne Collins, faz parte de uma trilogia de ficção científica que serviu de base para quatro filmes. A autora teve sua carreira alavancada após a publicação do primeiro livro, lançado em 2005. Collins tem como foco o público infanto-juvenil em suas obras. De acordo com a página da autora, *Jogos Vorazes* foi vendido em 56 territórios e foi traduzido para mais de 50 idiomas.

A protagonista de *Jogos Vorazes* é uma mulher que vive em um distrito pobre de um país opressor e fascista; para ajudar sua família, aprendeu a caçar e vendia carne fresca a moradores locais que estavam cientes de estarem realizando transações ilegais. Como modelo de opressão para alguns - e diversão para outros - o governo cria um jogo para a Capital, onde moram os bem-afortunados e abastados do país. Dois cidadãos de cada distrito são sorteados para participar do jogo. Todos os participantes devem lutar até que reste somente um, e este será o ganhador do jogo. O vencedor receberá mensalmente uma alta quantia de dinheiro do governo, além de uma casa própria mobiliada em seu distrito, onde vencedores de outras edições dos jogos também moram.

Esta pesquisa parte do pressuposto que o tradutor da obra, Alexandre D'elia, tenha fragilizado a protagonista (Katniss Everdeen) em oposto ao empoderamento originalmente dado à ela pela autora, Suzane Collins. De acordo com o dicionário Aulete, a definição da palavra feminismo é “movimento que luta pela igualdade de direitos entre mulheres e homens”. CHACHAM & MAIA (2004) comentam que o modelo da família patriarcal imposto no Brasil gera uma grande desigualdade sobre os sexos, “sendo que o homem é superior, forte, viril e ativo, e a mulher é inferior, fraca, bela, desejável e sujeita à dominação do patriarca”. Comprovar a interferência do sexismo no *corpus* do texto é o objetivo principal e, para isso, trechos considerados sexistas serão recortados da tradução e comparados com os trechos correspondentes no idioma de partida. Desta forma, será feita a averiguação da construção da imagem da protagonista para os leitores da obra, primeiramente em inglês e em seguida em português.

### 2. METODOLOGIA

No livro *Gender and Ideology in Translation: Do Women and Men Translate Differently?* de LEONARDI (2007), a autora acredita que “homens e mulheres traduzem de maneira diferente, [...] algumas traduções podem ser ideologicamente modificadas ou mediadas por seus tradutores” (LEONARDI, p. 20. Tradução nossa). A autora ainda afirma que:

De acordo com a teoria dos profissionais de ética, os tradutores nunca deveriam distorcer a forma e/ou o significado do texto de origem (ST) ao expressar suas ideologias ou pontos de vista pessoais em suas traduções. No entanto, os tradutores são seres humanos e como tais têm emoções e opiniões, vivem em um ambiente cultural e sócio-político específico que pode variar muito ou pouco do ambiente da cultura fonte (SC). É difícil de acreditar que todas as traduções são livres de uma ideologia. (LEONARDI, p. 29. Tradução nossa)

VENUTI (1995) fala sobre a importância de não deixar transparecer a personalidade do tradutor, e sim que os tradutores devem sempre tentar reproduzir o estilo do autor no texto alvo. “Um texto traduzido [...] é considerado aceitável [...] dada a aparência que ele reflete a personalidade ou intenção do autor estrangeiro ou o significado essencial do texto estrangeiro” (VENUTI, 1995. p. 1. Tradução nossa). Por mais que a tradução seja uma nova escrita, a obra original ainda é do autor. Muitas vezes tradução é o único meio de facilitação pelo qual as pessoas têm acesso a informações que não foram originalmente escritas em sua língua materna.

Os capítulos escolhidos para análise são pontos – escolhidos arbitrariamente – onde pode haver o maior número de ocorrências de inferiorização da personagem, já que é quando a protagonista precisa passar por um processo de embelezamento – baseado no ideal de beleza dos cidadãos da Capital – e em seguida narram-se os primeiros passos dela dentro da arena do jogo. Os trechos retirados entre os parágrafos nove e doze serão apresentados para estudantes bilíngues do Centro de Letras e Comunicação. Os alunos que concordarem em participar da pesquisa responderão um formulário com oito questões. Será avaliado se os participantes, após analisarem os trechos em português e em inglês, acharam as traduções menos significativas, mais significativas ou tão significativas quanto os trechos originais. VENUTI (1995) afirma que “a tradução [...] não deve omitir, nem adicionar nada do texto original” (VENUTI 1995, p. 323. Tradução nossa); partindo deste princípio espera-se que os alunos bilíngues interpretem ambos os trechos apresentados e avaliem se a tradução é fiel ao texto original.

O Typeform foi o *website* que mais se adequou as necessidades e ao padrão do formulário. O *website* escolhido permite que o colaborador tenha acesso aos trechos em ambos os idiomas e possa identificar as partes ressaltadas, pois permite que o criador do questionário use negrito, itálico e outros tipos de edição de texto. O formulário foi divulgado via e-mail e por mensagens em redes sociais para pessoas que tenham sido, ou ainda são, alunas do curso de Letras. A seguir estão os trechos que os alunos analisaram:

1. “I can see by his expression that he’s been talking to Haymitch. That he knows how **dreadful** I am.”  
“Vejo pela sua expressão que ele andou conversando com Haymitch. Que está ciente do quanto sou **revoltante**.”
2. “You mean after I got over my **fear** of being burned alive?”  
“Você quer dizer logo depois de eu superar o **pavor** de ser queimada viva?”
3. “You **are** a **fool**”  
“Você é uma **idiota** mesmo”
3. “He made me look **weak**!”  
“Ele me fez parecer **fraca**”
3. “I’ve never worn high heels and can’t get used to essentially **wobbling** around on the balls of my feet.”

“Nunca usei salto alto e não consigo me acostumar com a sensação de ficar **sambando** sobre os calcanhares, porque, em essência, é isso o que acontece.”

6. “...she puts me in a **full-length gown**...”

“...ela me manda botar uma **bata que vai dos dos pés à cabeça**...”

7. “I should be **nothing but grateful** for it.”

“Eu deveria **estar inteiramente grata** a isso.”

8. “Not if you **glare at them** the entire time.”

“Não se você ficar olhando para eles **com essa cara raivosa**.”

Caso quisessem, os participantes poderiam justificar as suas escolhas. No formulário há uma graduação na opção de resposta, sendo o número um (01) menos significativo, o três (03) tão significativo quanto e o cinco (05) mais significativo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O gabarito criado para o questionário com o intuito de ser utilizado em um teste de hipótese sobre os dados. SAMOBYL (2009) em *Controle Estatístico de Qualidade* afirma que o teste de hipótese é uma conjectura que surge do pensamento do pesquisador. Os pesquisadores consideram como menos significativa as questões seis e sete, como mais significativas as questões um, dois, cinco e oito, como tão significativas quanto as questões três e quatro. Para testar como seria a interação dos participantes com o formulário e se eles teriam alguma dificuldade em compreender o que era pedido, foi decidido que dez pessoas receberiam o formulário para preencher. Somente seis das dez responderam e enviaram o questionário.

Enquanto os participantes responderam que acreditam que a tradução da primeira questão seja menos significativa que a original, o gabarito aponta que é mais significativa, nesse caso as fogem da hipótese construída no gabarito. As justificativas indicam que os participantes pensam que “revoltante” não é uma boa tradução e sugerem o uso de “ruim” e “terrível”. As respostas da segunda questão corresponderam com a hipótese dos pesquisadores, assim como a terceira e quarta. A quinta questão obteve respostas curiosas, pois somam 33% em cada parte da linha qualitativa. A sexta, sétima e oitava questão estão de acordo com o gabarito, ou seja, a maior parte das respostas está de acordo com a proposição dos pesquisadores.

Futuramente o mesmo questionário será enviado para mais pessoas que tenham participado do curso de Letras, não somente na UFPel mas também em outras universidades. É esperado que os participantes auxiliem na divulgação do formulário, enviado para colegas e conhecidos e, assim, atingindo um número maior de pessoas.

### 4. CONCLUSÕES

De acordo com os dados coletados e com o gabarito criado, é possível perceber que ainda há uma divergência no que foi originalmente dito por uma mulher quando é interpretado ou traduzido por um homem. PINTO & BADAN (2012) afirmam que aprenderam nas discussões feministas que a linguagem é uma parte essencial para a luta da libertação das mulheres), portanto é importante que as mensagens da autora da obra sejam traduzidas de uma maneira tão empoderadora quanto a original. É necessário que a população participe e tenha acesso a diálogos

relacionados ao sexismo e de como a comunicação auxilia as mulheres a reconhecer onde o sexismo está implantado nas atividades diárias.

FLOTOW (2014) ressalta que é importante notar que, embora os estudos da tradução e de gênero sejam áreas mais recentes, seus desenvolvimentos não têm sido paralelos. O fato de que uma obra destinada ao público infanto-juvenil seja traduzida de uma maneira que inferioriza a protagonista, diferentemente da obra original, não só vai contra a teoria da invisibilidade de VENUTI (1995), como também perpetua o modelo patriarcal citado por CHACHAM & MAIA (2004)

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LTDA-EPP, L. E. D. **Dicionário online Caldas Aulete**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

CHACHAM, Alessandra Sampaio; MAIA, Mônica Bara. Corpo e sexualidade da mulher brasileira. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely (Orgs.). **A Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004. p.75-106.

COLLINS, Suzanne. **Biography**. Disponível em: <<http://www.suzannecollinsbooks.com/bio.htm>>. Acesso em: 21 dez. 2014.

COLLINS, Suzanne. **Hunger Games**. Danbury, NY: Scholastic Press, 2008.

COLLINS, Suzanne. **Jogos Vorazes**. São Paulo: Rocco, 2011.

FLOTOW, Louise von. **Translation and Gender. Translating in the “Era of Feminism”**. Routledge. Londres: Taylor & Francis Group, 2014.

Free and Beautifully Human Online Forms. Disponível em: <<https://www.typeform.com/>> Acesso em: 15 jun. 2016.

LEONARDI, Vanessa. **Gender and Ideology in Translation: Do Women and Men Translate Differently?** A Contrastive Analysis from Italian Into English. Suíça: Peter Lang, 2007.

PINTO, Joana Plaza. BADAN, Suzana Costa. Feminismo e as identidades no cerne dos princípios de pesquisa. **Calidoscópio**. Vol. 10, n. 2, p. 133-139, mai/ago 2012. Unisinos - doi: 10.4013/cld.2012.102.01.

SAMOHYL, Robert Wayne. **Controle Estatístico de Qualidade**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

SIMON, Sherry. **Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission**. Londres, Routledge, 1996.

VENUTI, Lawrence. **The translator’s invisibility**. A history of translation. Londres: Routledge, 1995.